

SOFONIAS: UM PROFETA URBANO

Denuncia lideranças urbanas (Sf 3,1-5)

Pedro Kramer

Introdução

O estudo da perícopes Sf 3,1-5 e a descrição da pessoa do profeta Sofonias, destacando o significado de seu nome e a importância de seus antepassados bem como sua origem étnica, familiar, religiosa e cultural, e situando-o na segunda metade do século VII aC, têm por finalidade ressaltar a urbanidade de sua atuação bem como a urbanidade dos destinatários de vários de seus oráculos. Neste artigo visa-se evidenciar que Sofonias é um profundo conhecedor da cidade de Jerusalém, isto é, da vida comercial, da administração política, econômica e jurídica, da organização religiosa javista e sincrética e das classes sociais da população israelita. Ele é, de fato, um profeta urbano que denuncia a elite urbana, prenunciando-lhe seu fim para breve, através de um canto fúnebre sobre um morto. Isto porque as lideranças da capital estão tão empedernidas no mal que nelas não há nenhum sinal de mudança e conversão. A palavra de Iahweh, através de Sofonias: *Procurai a Iahweh, buscai a justiça e a pobreza: talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh*, foi rejeitada por elas. Assim elas não terão futuro, apesar dos repetidos e insistentes apelos à conversão a Iahweh, através de uma vida de justiça, de fraternidade e de pobreza solidária.

O artigo compõe-se de duas partes. A primeira gira em torno de questões preliminares como a estrutura, o processo de formação e temas centrais do livro de Sofonias, o nome e a origem do profeta bem como o tempo e local de sua atuação.

A segunda parte está focada no texto Sf 3,1-5. Após a tradução do texto com observações sobre algumas opções, debruçamo-nos sobre ele tentando interpretá-lo, fazendo comentários sobre o conteúdo e o tipo de relações das elites jersalemitas. Com algumas conclusões e a referência bibliográfica concluímos o nosso estudo sobre Sofonias, um profeta urbano que denuncia lideranças urbanas.

1 Questões preliminares

Nesta primeira parte queremos tratar de certos assuntos que nos poderão ajudar a compreender melhor o conteúdo do livro do profeta Sofonias e, sobretudo, da perícopes Sf 3,1-5. Ela, de fato, visa ser uma introdução a este livro profético e uma familiarização maior com ele. Julgamos ser importante ter informações sobre a pessoa do profeta, seus antepassados e sua origem; sobre o contexto histórico e o tipo de sociedade na qual viveu e atuou; sobre a sua mensagem e os endereçados de seus oráculos. Na segunda parte vamos encontrar uma análise da perícopes Sf 3,1-5 destacando a denúncia das graves injustiças praticadas pelas elites de Jerusalém. Na primeira parte, nossa

preocupação gira em torno do livro como ele atualmente se encontra nas nossas bíblias e vamos lê-lo de modo sincrônico. A interpretação e a explicação do texto Sf 3,1-5 serão feitas através da leitura diacrônica, isto é, respeitando a gênese e as camadas literárias e históricas do texto.

1.1 Sofonias: Profeta protegido por Iahweh – A mensagem central do livro

a) A leitura sincrônica do livro revela uma série de assuntos muito interessantes que, analisados e comentados, podem destacar a mensagem central do livro do profeta Sofonias, seus conflitos e suas esperanças. O nome do Deus do povo de Israel, Iahweh, aparece em todo o livro, do início ao fim, umas trinta vezes. Mas já em Sf 1,1, que é uma espécie de título do livro, não só aparece explicitamente o nome Iahweh, mas várias pessoas têm nomes, cujo final *Ia* é a parte inicial do tetragrama divino *Ia-vé*. Assim os nomes em hebraico *Tzefan-ia*, *Gedal-ia*, *Amar-ia*, *Isqui-ia* e *I'ochi-ia*. Portanto, só no v. 1 o nome Iahweh aparece seis vezes, uma vez completo e cinco vezes compondo um nome de pessoa. Certamente devia ser uma grande honra para qualquer israelita ser portador do nome de Iahweh, o Deus Libertador dos hebreus do Egito. Não só no início do livro o nome do Deus Iahweh aparece com intensidade, mas também no seu centro. Aí topamos com Iahweh neste insistente apelo: *Procurai a Iahweh* (Sf2,3). E, no fim do livro, ele é chamado de *herói que liberta* (Sf3,17). Como no êxodo dos hebreus do Egito, ele, em Sf 3,18s, vai reunir os que foram afastados da festa da vida, libertando a ‘mulher manca’, que foi paralisada e feito parálitica, e vai reunir a ‘mulher marginalizada’, desprezada e dispersa, concedendo-lhe louvor e renome em toda a terra. É o Deus Iahweh novamente em ação transformando pessoas sem existência mínima e sem dignidade em sujeitos na história. No v. 19 não podem passar despercebidos esses dois termos hebraicos no feminino como em Mq 4,6s. Não há dúvida de que o livro de Sofonias quer ser testemunha do Deus Iahweh, que mais uma vez vai intervir na história reintegrando aquelas pessoas que na sociedade foram excluídas da festa da vida.

b) A primeira palavra do livro de Sofonias é *dabar* que normalmente é traduzida por ‘palavra’. Os redatores finais do livro entenderam e passaram para a posteridade todo o livro de Sofonias como ‘palavra de Iahweh’. Isto também se verifica em Sf 3,20 na última frase do livro: *disse Iahweh*. Assim todo o livro de Sofonias é palavra de Iahweh. *Dabar*, no entanto, não significa só ‘palavra’, mas também pode ser traduzido por ‘ação, acontecimento, fato’. Em vista disso, o livro do profeta não só é testemunho do que Iahweh falou, dos seus oráculos, mas também de suas ações e feitos na história. As ações de Iahweh são também formas de falar e de se comunicar de Iahweh. Como nenhum profeta anterior a ele, Sofonias anuncia que Iahweh vai agir não só no Reino de Judá, mas também entre os povos através da sua intervenção histórica que ele chama de ‘dia de Iahweh’. Este assunto perpassa todo o livro e com muitos detalhes.

c) O livro do profeta Sofonias apresenta Iahweh de modo ativo, libertador, dinâmico e sujeito da história. Ele com insistência destaca esta característica de Iahweh, pois há ‘senhores’ *'anachyin* em Jerusalém que possuem muita riqueza, casas e vi-

nhas, e consideram Iahweh um Deus ocioso, neutro, distante, indiferente e extraterrestre que *não pode fazer nem o bem e nem o mal* (Sf 1,12s). Esses senhores de Jerusalém se relacionam com Iahweh apenas de modo nocional e teórico. Em vista disso, Sofonias deve lutar pela verdadeira imagem de Iahweh, cuja fé e seguimento implica eticamente na vivência do direito e da justiça. É dentro deste contexto que devemos entender a exortação séria e urgente de Sofonias: *Procurai a Iahweh ... Procurai a justiça, procurai a pobreza: talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh* (Sf 2,3).

Esta mesma crítica Sofonias dirige à elite opressora e tirânica de Jerusalém. Ela *não confiou em Iahweh, não se aproximou de seu Deus* (Sf 3,1), além de denunciá-la de rebelde e manchada de sangue. Os endereçados de sua denúncia são grupos bem concretos, responsáveis pelas últimas instâncias do poder político, como os *šaryim*, os ‘príncipes’ e os chefes das repartições públicas administrativas, como os *chopetyim*, os ‘juizes’. Estes são apoiados por grupos mais ligados à religião javista, como os *nebe’yim*, os ‘profetas profissionais’, assessores no governo e os *kohanyim*, os ‘sacerdotes’ responsáveis pelo ensino religioso pautado no decálogo (Sf 3,1-4). Alguns desses grupos urbanos voltam a ser denunciados em Sf 1,8s, como os ‘príncipes’. Estes são aqui relacionados aos ‘filhos do rei’. Estes dois grupos devem ser os detentores dos mais altos cargos políticos. Os primeiros podiam, segundo H. Irsigler¹, ter exercido funções da máxima responsabilidade, tanto no setor civil como militar. As pessoas portadoras do título ‘filhos do rei’ não necessariamente deviam fazer parte do parentesco real. Também pessoas civis poderiam pertencer ao grupo chamado ‘filhos do rei’. O que, no entanto, lhes é comum, segundo H. Irsigler², é a função de oficiais da polícia no Reino de Judá. Eles vigiam as pessoas, controlam suas manifestações públicas e censuram o que não lhes convém. Na função de polícia secreta, eles espionam sobretudo a vida dos profetas, como a do profeta Miqueias ben Jemla em 1Rs 22,26 e a do profeta Jeremias em Jr 36,26; 38,6. A estes dois grupos são associados *os que se vestem com roupas estrangeiras*. Estes são certamente israelitas que abdicaram de sua identidade nacional e religiosa javista e aderiram, tanto interna e como externamente, o sistema econômico, político, religioso e cultural dos assírios. Há também um grupo de pessoas com ritos ou costumes estranhos, como *pular o degrau* ou soltar por cima do *umbral da porta*. E, finalmente, Sofonias denuncia o grupo *dos que encham a casa de seu senhor com violência e com fraude*. A ‘casa de seu senhor’ significa aqui o palácio real. Aqui eles recebem cobertura de outros grupos.

Alguns desses grupos e mais os de Sf 1,10s devem ser comerciantes de Jerusalém. Eles certamente dominam o comércio. Como estes não têm acima de si nenhuma instância superior que possa frear sua ânsia de se enriquecer, eles são insaciáveis em seus lucros. Para todos esses grupos, Sofonias anuncia um destino comum: *todo o povo de Canaã será destruído, e, aniquilados todos os que pesam a prata* (v. 11).

Em Sf 1,14-18 o profeta menciona um outro grupo de pessoas na expressão *herói que grita* (v. 14). Para esse grupo o ‘dia de Iahweh’ será *dia de trombeta e do grito da*

1. IRSIGLER, H., p. 139.

2. Ibidem, p. 141.

guerra contra as cidades fortificadas e contra as ameias elevadas (v. 16). Não parece haver dúvida de que Sofonias esteja se referindo aos militares e ao exército. São estes que defendem o sistema de exploração acima descrito, com violência e agressão, protegendo as cidades fortificadas e as ameias elevadas. No ‘dia de Iahweh’, no entanto, tanto o soldado valente como o exército guerreiro serão derrotados.

No livro do profeta Sofonias, os oráculos de Deus não se restringem apenas aos diversos grupos de israelitas, mas eles têm também uma dimensão universal. A intervenção de Iahweh no seu grande dia não atinge somente os habitantes do Reino do Sul, mas afeta a humanidade inteira e todos os seres criados. Isto não só aparece já em Sf 1,2s, onde é anunciado que Iahweh *suprimirá tudo da face da terra* (v. 2). Mas também no centro do livro, em Sf 2,4-15, nos oráculos contra as nações. Estes se dirigem às nações nos quatro pontos cardeais: a oeste, aos filisteus (Sf 2,4-7), a leste, a Moab e Amon (Sf 2,8-11), ao sul, aos cuchitas (Sf 2,12) e ao norte, aos assírios (Sf 2,13-15). Isto que dizer que a ação de Iahweh é um acerto de contas com, principalmente, as elites de todas as nações que estão no poder. Sua prepotência e arrogância, seu endeusamento e seu orgulho estão sintetizados no oráculo contra Nínive, a capital dos assírios: *Esta cidade alegre que habitava em segurança, que dizia em seu coração: ‘Eu e mais ninguém!’* (Sf 2,15). Os rastros da ação arrasadora de Iahweh contra os comerciantes filisteus e a elite política e econômica assíria são a transformação das cidades filisteias e de Nínive em pastagens para ovelhas e cabras e onde animais e aves repousarão tranquilamente. Dos cuchitas se diz que serão transpassados pela espada de Iahweh. E aos moabitas e amonitas são anunciadas coisas terríveis: *Moab será como Sodoma; e os filhos de Amon como Gomorra: um terreno de cardos, um montão de sal, um deserto para sempre* (Sf 2,9). E também no fim do livro de Sofonias, no seu último versículo, Sf 3,20, mais uma vez são mencionados os povos da terra. A mensagem sofoniana é, de fato, universal.

d) Há também uma mensagem de esperança para os israelitas e as populações das nações do mundo inteiro? No livro do profeta Sofonias a esperança está fermentando numa palavrinha: *Talvez*. No oráculo Sf 2,1-3, que é uma espécie de ultimato, Sofonias dá evasão de sua esperança: *Buscai a Iahweh vós todos, os pobres da terra ... Procurai a justiça e procurai a pobreza: talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh*. O grupo dos ‘pobres da terra’ está em claro conflito e oposição com os grupos urbanos instalados em Jerusalém e em outras cidades dos povos vizinhos de Israel, já acima mencionados. Estes se afastaram de Iahweh ou o consideraram um Deus ocioso, impotente e incapaz de agir: *Iahweh não pode fazer nem o bem nem o mal* (Sf 1,12); eles exploram os pobres e marginalizam os fracos na sociedade. O acerto de contas com eles será tremendo e serão destruídos. Em seu lugar vão sobrar os ‘pobres da terra’: *Naquele dia ... afastarei de seu seio teus orgulhosos fanfarrões ... Deixarei em teu seio um povo pobre e humilde, e procurará refúgio no nome de Iahweh, o resto de Israel. Eles não praticarão mais iniquidade, não dirão mentiras; não se encontrará em sua boca língua dolosa. Sim, eles apascentarão e repousarão, sem que ninguém os inquiete* (Sf 3,11-13).

No livro de Sofonias a esperança não conhece limite. Também um resto sobrar  entre as popula es das na es. Estes receberão ‘lábios puros’, isto  , eles serão transformados, para poder invocar o nome de Iahweh: *Do outro lado dos rios da Etiópia, os meus adoradores trarão a minha oferenda* (Sf 3,10). Além desses grupos, também haverá adoradores de Iahweh em todas as ilhas das na es: *Quando Iahweh suprimir todos os deuses da terra, prostrar-se- o diante dele cada um em seu lugar; todas as ilhas das na es* (Sf 3,17). No livro de Sofonias, Iahweh   apresentado como um ‘herói libertador’ (Sf 3,17), ativo, dinâmico, agente na história, por isso ele eliminar  todos os opressores e libertar  a ‘mulher manca e desprezada’ (Sf 3,19), isto  , as pessoas deixadas de lado e que na sociedade são descartáveis. Aqueles e aquelas que até agora habitavam em Jerusalém e no monte Si o, a parte mais fortificada e militarizada, vão ser substituídos por um povo pobre e humilde, a quem Iahweh mesmo dará renome e louvor (Sf 3,19s). A profecia no livro de Sofonias, portanto, denuncia os grupos que não buscam a Iahweh e não se orientam pelos princípios do direito, da justiça e da pobreza. Suas orgias bacanais terão um fim. Mas, para as suas vítimas, que buscam Iahweh, sua justiça e pobreza, há esperança de futuro, elas vão finalmente participar da festa da vida. Entre essas pessoas podemos contar, com toda a certeza, o profeta Sofonias, seus discípulos e discípulas, seus admiradores e admiradoras, de cujos anseios e utopia ele   porta-voz e testemunha.

1.2 O processo de forma o do livro de Sofonias

a) O livro do profeta Sofonias teve um longo processo de forma o. Várias pessoas, em momentos diferentes da história e em lugares diferentes, colaboraram no surgimento dele. Ele teve várias releituras, aplicando textos mais antigos a outras circunstâncias históricas. Entre os pesquisadores da profecia de Sofonias não há unanimidade na defini o da origem histórica dos 53 versículos nos três capítulos desse livro. O exegeta alemão H. Irsigler³ constata dois grupos quando tenta responder   pergunta: quais são os oráculos realmente proferidos pelo profeta Sofonias e que textos são acréscimos posteriores? Ele caracteriza um grupo de biblistas de ‘maximalistas’. Estes atribuem o máximo possível de oráculos ao profeta Sofonias. Entre esses exegetas, destacam-se sobretudo N. Lohfink e M. Weigl. Para estes, Sf 1,2–3,15 remonta ao profeta Sofonias e nem são as unidades menores, mas até as composi es supostas⁴.

Do outro grupo são os ‘minimalistas’. Estes consideram o livro de Sofonias até uma pseudoepigrafia, do tempo pós-monárquico e p s-exílico, redigido por um redator de tendência apocalíptica que viveu na época do redator do livro de Daniel, pelos anos 200 aC. O redator do texto do livro de Sofonias apenas se baseou em Sf 1,4s e nos livros dos profetas Jeremias, Ezequiel e D utero-Isaías (Is 40–55). Esses dois grupos, com seus respectivos argumentos, se digladiaram até uma década atrás.

3. IRSIGLER, H. *Zefanja*, p. 58.

4. LOHFINK, N. “Zefanja und das Israel der Armen”, p. 102; BONORA, Antonio. *Naum, Sofonias, Habacuc, Lament es*. Sofrimento, protesto e esperança, São Paulo: Paulinas, 1993, p. 101s.

O exegeta H. Irsigler, em seu comentário ao livro de Sofonias, do ano 2002, com mais uma dezena de colegas, tem uma opinião diferente. Para ele, nesse livro, há oráculos do profeta Sofonias do século VII aC e textos que surgiram mais tarde como adições da época exílica e pós-exílica⁵. Ele defende a tese de que o processo evolutivo e formativo do livro de Sofonias se compõe de quatro momentos historicamente distintos: dois pré-exílicos, um exílico e um pós-exílico. Vamos nos familiarizar com suas teses.

Os textos originais do livro de Sofonias são onze oráculos que, com quase toda a certeza, foram proferidos por esse profeta: Sf 1,4s.7.8s.10s.12s.14-16; 2,1-2.3d.4-6.12.13s; 3,1.3s⁶. Isto é, 24 dos 53 versículos que compõem o livro do profeta Sofonias. Esses oráculos, que o profeta Sofonias proclamou para grupos diferentes de pessoas, em circunstâncias diversas e em vários lugares, circulavam inicialmente de modo oral entre suas discípulas e discípulos, seus admiradores e seguidores. Eles foram então registrados por escrito, formando assim a primeira e mais antiga composição dos oráculos de Sofonias. O biblista H. Irsigler supõe que esta primeira redação dos oráculos de Sofonias tenha acontecido em Jerusalém, entre a primeira e a segunda deportação de israelitas para a Babilônia, entre 597 e 587 aC.

Quais são seus argumentos? Ele é da opinião que a primeira coleção de oráculos tenha sido Sf 1,7-13, ou seja, Sf 1,7-9 + 1,10-13, cujo tema é a proximidade do ‘dia de Iahweh’, e fora redigida por um discípulo, visando conservar e transmitir para as gerações futuras os pronunciamentos do profeta. O trabalho de redação e a junção dos vários oráculos consegue-se perceber claramente pelas fórmulas de ligação nos v. 8a.10a. e 12a.

Essa primeira e mais antiga coleção de oráculos foi ampliada e enquadrada pelos textos Sf 1,4s e 1,14-16 + 2,1-3. Esta última perícopes contém a última chamada ao povo de Judá antes da intervenção do ‘dia de Iahweh’. E é exatamente em conexão com esta última advertência antes da realização do ‘dia de Iahweh’ que o redator anexou os oráculos acerca da ação furiosa de Iahweh contra os filisteus, Sf 2,4-6, contra os cuchitas, Sf 2,12 e contra a Assíria e Nínive, Sf 2,13s. Neste contexto calha bem, para ele, o dito fúnebre a respeito da vinda encolerizada de Iahweh contra os habitantes de Jerusalém em Sf 3,1.3-4b.

b) Do redator da coleção dos ditos proféticos deveria provir Sf 3,6-8 que igualmente se dirige contra os jerusalemitas. Esta perícopes, que já é uma releitura, constata, num retrospecto histórico, os resultados da ação de Iahweh na sua intervenção contra os povos. Vejamos agora bem concretamente como o ‘dia de Iahweh’, anunciado por Sofonias, já se realizou na história contra alguns povos. Contra os ninivitas, o ‘dia de Iahweh’ se revelou na destruição de sua capital no ano de 612 aC. Ele se manifestou contra os filisteus na destruição de Ascalon em 604 aC. O ‘dia de Iahweh’ foi respectivamente concretizado pelo exército de Nabucodonosor como o instrumento nas mãos de Deus. Mesmo assim, após o anúncio da vinda do ‘dia de Iahweh’ contra alguns po-

5. IRSIGLER, H. *Zefanja*, p. 59-71.

6. *Ibidem*, p.59s.

vos e sua realização, cujas consequências podiam ser contempladas na destruição das cidades de Nínive e Ascalon, as lideranças judaicas não aprenderam a lição e não levaram a sério a palavra de Iahweh, proclamada por Sofonias. Portanto, a primeira e mais antiga composição de Sf 1,4-3,8 já devia ter sido escrita entre a primeira e a segunda conquista de Jerusalém pelo exército de Nabucodonosor, entre os anos 597 e 586 aC. Porque a perícopa Sf 3,6s parece já supor a ação desastrosa de Iahweh na conquista de Jerusalém pelo rei Nabucodonosor em 597 aC e a deportação da sua liderança para a Babilônia. Então, Sf 3,8a seria o anúncio da nova intervenção de Iahweh na segunda conquista de Jerusalém por Nabucodonosor com sua destruição: *Por isso, esperai-me – oráculo de Iahweh – no dia em que me levantar como testemunha*. Aliás, há textos de outros profetas que igualmente permitem supor uma outra ação punitiva das lideranças de Jerusalém pelo exército de Nabucodonosor, como, por exemplo, Jr 21,1-7; 28-29; 37,6-10. E, por fim, Ez 22,23-31, um texto exílico, parece já supor a existência do texto Sf 3,1-4+6-8⁷.

c) Os oráculos escritos de Sf 1,4-3,8 receberam acréscimos, na época exílica, por uma pessoa anônima que os biblistas chamam de redator deuteronomista. Uma adição é, para H. Irsigler⁸, Sf 1,1 que transforma a coleção de oráculos de Sf 1,4-3,8 em palavra de Deus, mediada pelo profeta: *Palavra de Iahweh, que foi dirigida a Sofonias ...* Aliás, os redatores deuteronomistas não só releeram, na época exílica, o texto pré-exílico de Sofonias, mas eles fizeram o mesmo com muitos outros escritos pré-exílicos. Assim é obra deles a criação dos títulos nos livros proféticos, como em Os 1,1; Mq 1,1; Jl 1,1; Jr 1,1s; alguns dados pessoais dos respectivos profetas, com a indicação histórica da sua atuação, são também produção literária deles. Que os redatores deuteronomistas pertençam ao mesmo movimento deuteronomista que, já antes do exílio, elaboraram principalmente Dt 5,12-28, percebe-se em vários acréscimos no livro de Sofonias. Em Sf 1,1 diz-se que o profeta Sofonias tem até um tataravô. Ora, isto deve aludir a Dt 23,8s, onde se afirma que, apenas na terceira geração, os egípcios terão acesso à assembleia de Iahweh. O pai de Sofonias, chamado de Cusi, cujo nome pode ser relacionado com cuchita ou núbio ou etíope, já tem livre acesso à assembleia de Iahweh.

Além disso, Sf 3,2 é também influenciado pela mentalidade deuteronomista como Jr 7,28. Nesses dois textos indica-se a mesma razão por que Judá e Jerusalém, e já anteriormente o Reino do Norte, faliram: eles não escutaram a palavra de Iahweh e não aceitaram o seu ensinamento. O mesmo poderá ser dito da expressão ‘deste lugar’ em Sf 1,4b apontando para Jerusalém: *aniquilarei deste lugar ...* Ela se relaciona muito bem com Dt 12,3. E a maneira de se expressar em Sf 1,13: *eles construíram casas, mas não as habitarão, plantaram vinhas, mas não beberão de seu vinho*, recorda imediatamente Dt 28,30.39 (cf. Am 5,11). A doxologia em Sf 3,5 destaca a justiça de Iahweh de modo semelhante como em Dt 32,4 (cf. Lm 1,18). Todas essas referências no livro de Sofonias ao Deuteronomio são, para H. Irsigler⁹, adições deuteronomistas e do tempo do exílio.

7. Ibidem, p. 60s.

8. Ibidem, p. 61s.

9. Ibidem, p. 62.

Acréscimos exílicos do redator deuteronomista são ainda, para o exegeta H. Irsigler¹⁰, Sf 2,8s, o oráculo de condenação contra Moab e Amom; e Sf 2,10 é ainda mais tardio. Sf 2,8s já recorda Ez 21,33 e 25,1-11. Como sabemos o profeta Ezequiel atuou durante o exílio de israelitas na Babilônia. O mesmo pode ser dito de Sf 2,15, o oráculo contra Nínive, pois depende de Is 47,8.10 que é também um texto exílico.

d) Para o biblista H. Irsigler¹¹ são adições pós-exílicas no livro de Sofonias a perícopes Sf 3,11-13 que contém a promessa de um resto pobre e humilde em Jerusalém. Seu ideal de vida, sua mística e espiritualidade já estão presentes na exortação em Sf 2,3a. Além disso, um resto pobre e humilde em Judá é igualmente o assunto em Sf 2,7.9e-f. Deste resto se diz que ele estaria se expandindo tanto para o oeste como para o leste. Dessa mesma época são, para ele, as perícopes Sf 3,14-17, a convocação à alegria, e Sf 1,2s, que supõe a existência dos textos sacerdotais da criação do mundo em Gn 1,1-2,4a e a descrição do dilúvio em Gn 6-9. O trecho Sf 1,17-18a é, para ele, uma releitura para uma outra época do texto Sf 1,14-16.

Os textos de cunho apocalíptico, Sf 1,18b-c; 3,8d; 3,9s; 2,11 certamente já supõem, para H. Irsigler¹², a época helenista por volta do ano 300 aC. O último acréscimo é provavelmente a perícopes Sf 3,18-20 e 3,10 que fala da reunião em Jerusalém do povo de Israel disperso pelo mundo. Este texto seria uma espécie de ‘final feliz’ para o povo de Israel espalhado pelos quatro cantos do mundo. Ele resume sua compreensão do processo de formação do livro de Sofonias assim: “O livro de Sofonias ... surgiu essencialmente num espaço de tempo do século VII até o século III aC. As glosas em Sf 1,3 e 3,10, além disso, são do século II aC”¹³.

1.3 Sofonias: um profeta de origem africana?

O nome hebraico *tzefanya*, ‘Sofonias’ é a abreviação da forma mais longa do nome *tzefanyahu*, ‘Sofonياهو’. A forma mais longa do nome só aparece em Jr 37,3 e 2Rs 25,18. O nome Sofonias significa ‘Iahweh escondeu/ocultou para proteger’, no sentido do Sl 27,5: *Pois ele me oculta na sua cabana no dia de infelicidade; ele me esconde no segredo de sua tenda, e me eleva sobre uma rocha*. O nome do profeta parece sintetizar toda a sua mensagem num programa cheio de esperança para aqueles e aquelas que procuram a justiça e a pobreza: *talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh* (Sf 2,3b), isto é, escondidos, ocultados, abrigados e refugiados por Iahweh (cf. Sf 3,12s). Este é o sentido do nome Sofonias. Para H. Irsigler¹⁴ o nome Sofonias aparece em livros diferentes: Sf 1,1; Jr 21,1; 29,25.29; 52,24; Zc 6,10.14; 1Cr 6,21. Além disso, o nome Sofonias é, para ele, bem atestado em textos extrabíblicos, sobretudo do século VIII ao VI aC¹⁵.

10. Ibidem, p. 63.

11. Ibidem, p. 63s.

12. Ibidem, p. 64.

13. Ibidem, p. 65.

14. Ibidem, p. 84s.

15. Ibidem, p. 85.

No Antigo Testamento há quatro pessoas diferentes que têm o mesmo nome Sofonias. Primeiramente o profeta, Sf 1,1, a quem o livro de Sofonias é atribuído. Em segundo lugar, um sacerdote muito influente, é chamado de Sofonias, filho de Maasias (Jr 21,1; 29,25-29; 37,3; 52,24; 2Rs 25,18). Ele atuava no templo de Jerusalém durante o reinado de Sedecias (597-587 aC). Além destes, um judeu importante, que voltou para Jerusalém do exílio na Babilônia, também é chamado de Sofonias (Zc 6,10.14). E, por último, aparece um senhor da família de cantores com o nome de Sofonias (1Cr 6,18-21).

Para H. Irsigler¹⁶, é muito estranho, no Antigo Testamento, o profeta Sofonias ter quatro gerações de antepassados, explicitamente citados. O nome do seu avô Godolias, do bisavô Amarias e do tataravô Ezequias são muito comuns no Reino de Judá. Esses três nomes são formados pela abreviação *ia* de *Iah-wh*, a primeira parte do nome do Deus Iahweh. Assim Godol-*ia* quer dizer ‘Iahweh é grande’, Amar-*ia* significa ‘Iahweh falou’ e Ezequ-*ia* tem o significado de ‘Iahweh é forte’.

Há exegetas que pensam que Sofonias seja descendente do rei Ezequias. O motivo de relacionar o tataravô com o rei Ezequias estaria no fato de mencionar os dois reis que fizeram reformas muito importantes na vida do povo de Israel. O rei Ezequias (725-696 aC) encabeçou uma reforma religiosa e política na passagem do século VIII para o VII aC e o rei Josias (640-609 aC) fez o mesmo, na segunda parte do século VII aC. Para H. Irsigler¹⁷, no entanto, isto é muito pouco provável, pois Ezequias não é mencionado, em Sf 1,1, com o título de ‘rei’. E, na bíblia siríaca, o tataravô de Sofonias é chamado de Elequias. Portanto, o tataravô de Sofonias não é o rei Ezequias, relacionando o profeta com a nobreza davídica do Reino do Sul. A razão maior de mencionar três nomes javistas, como antepassados do profeta Sofonias, provém certamente de Dt 23,8s. Aqui se prescreve que apenas os egípcios da terceira geração de descendentes *terão acesso à assembleia de Iahweh* (v. 9). Isto, então, quer dizer que o pai de Sofonias, Cusi, é um judeu legítimo e fiel seguidor de Iahweh, como atestam seus três antepassados com nome javista.

As observações feitas acima, sobre os três antepassados de Sofonias com nomes javistas, tinham como objetivo chamar a atenção para o fato estranho e único na indicação dos antepassados do profeta. E tudo isso parece ter sua razão de ser, pois o nome do pai de Sofonias é muito estranho. Em hebraico, ele se chama *kuchi*. A Bíblia de Jerusalém o translitera para Cusi. É Cusi um nome de pessoa ou é ele um apelido para pessoas que tenham a pele parda ou mulata? Cusi como nome de pessoa, além de Sf 1,1, aparece ainda em Jr 36,14, onde se fala de um ‘Selemias, filho de Cusi’. Só nestas duas passagens do Antigo Testamento, Cusi aparece como nome de pessoa. Aliás, Cusi, como nome de pessoa, só é, para H. Irsigler¹⁸, ainda mencionado num selo hebraico que os arqueólogos datam no século VII ou VI aC.

16. Ibidem, p. 86; BACHMANN, Mercedes Garcia. “O ‘Resto’ em Sofonias: Os que unem o cultural com o ético” *RIBLA* 35/36, 2000, p. 224-230, especialmente p. 224s.

17. IRSIGLER, H. *Zefanja*, p. 86.

18. Ibidem, p. 86s.

O termo hebraico *kuchi*, como um adjetivo ou um atributo de alguém, aparece mais vezes no Antigo Testamento no sentido de ‘cuchita’. Este é um habitante ou descendente da região de Cuch, entre o Egito e o Sudão. Ele é, então, um ‘núbio’ ou um ‘etíope’. Em 2Sm 18,21-32 um escravo de Joab é designado de ‘cuchita’. Em Jr 38,7-13; 39,16-18 menciona-se um servo, cujo nome é Ebed-Melec. Ele é cuchita. Ele serve na corte no tempo do rei Sedecias (597-587 aC) e liberta o profeta Jeremias da cisterna, como um tipo de prisão. Jeremias se dirige ao cuchita Ebed-Melec com um oráculo de salvação. Em Nm 12,1 destaca-se o casamento de Moisés com uma mulher cuchita. E em 2Cr 14,8 fala-se de um chefe cuchita pertencente a um grupo tribal no sul da Palestina. H. Irsigler¹⁹ acrescenta ainda que a 25ª dinastia no Egito, entre os anos 750 a 664 aC, era formada por pessoas da Núbia ou da Etiópia. Assim poderia ter havido relações diplomáticas, militares e comerciais entre os israelitas e as lideranças da 25ª dinastia no Egito. Além disso, a presença de cuchitas é também atestada na Fenícia e no país de Aram.

Essas informações todas levam H. Irsigler²⁰ a aventar também a possibilidade de que o termo ‘cuchita’ poderia ter sido aplicado para alguém que tenha a pele parda ou mulata, como uma espécie de apelido. E isto seria, para ele, muito provável durante a existência da 25ª dinastia dos cuchitas ou núbios ou etíopes no Egito. Em 2Rs 18,21 diz-se que o rei Ezequias confiava no Egito na guerra contra os assírios. Ora, o Egito nesta época era governado pelos chuchitas. Então, pode-se deduzir que havia relações diplomáticas, militares, comerciais e culturais entre esses dois reinos. E assim era possível e normal a presença de cuchitas no Reino do Sul. Em vista disso, não é nada estranho e impossível que Godolias, o avô de Sofonias, tenha se casado com uma mulher cuchita, cujo filho recebeu o nome de ‘Cusi’. Se isto for verdade, então Sofonias, filho de Cusi, poderia ter pele, aparência e sangue cuchita, núbio ou etíope. E assim ele poderia ser considerado de origem africana. Esta hipótese é corroborada pelo fato de que, no livro do profeta Sofonias, o termo ‘cuch’ aparece três vezes: Sf 1,1; 2,12; 3,10.

O que podemos deduzir das informações sobre os antepassados e a pessoa do profeta Sofonias? Parece-nos que primeiramente podemos concluir que o profeta Sofonias é uma pessoa muito importante. A importância de alguém pode ser medida pela sequência mais ou menos longa de antepassados. Ele é o único profeta do Antigo Testamento do qual conhecemos quatro gerações de ancestrais, nominalmente citados. Além disso, os nomes de três gerações de antepassados estão profundamente relacionados com o Deus Iahweh, pois são nomes javistas: Godol-ias, Amar-ias e Ezequ-ias. Disto podemos supor que o profeta Sofonias, a partir de seus antepassados, conhecia muito bem o Deus Iahweh, o Deus Libertador e o Deus do êxodo dos israelitas do Egito e procurava viver segundo o Projeto de Iahweh. O nome de seu pai Cusi, ‘cuchita’, relaciona talvez o profeta Sofonias com o Egito, com sua origem africana. A partir de tudo isso, é bem provável e nada impossível de que o profeta Sofonias tinha uma gran-

19. Ibidem, p. 87.

20. Ibidem, p. 87; BALANCIN, Euclides M. / STORNIOLO, Ivo. *Como ler O livro de Sofonias. A esperança vem dos pobres*, São Paulo: Paulinas, p. 7s.

de intimidade e uma profunda vivência com o Deus Iahweh, o Deus Libertador da escravidão egípcia. Este contexto religioso, familiar e cultural é certamente a fonte donde brotou sua vocação profética, colocando-se inteiramente ao serviço do Deus Iahweh e tornando-se seu porta-voz, para denunciar novas escravidões das lideranças israelitas em Jerusalém e no Reino de Judá. É esta origem israelita e cuchita de Sofonias que certamente o fez não só um profeta com o anúncio da busca da justiça e da pobreza e a denúncia das injustiças das lideranças e de certos grupos israelitas, mas também um porta-voz internacional de Iahweh com oráculos de desgraça para cidades da Filisteia (Sf 2,4-6), para os cuchitas (Sf 2,12) e para a Assíria e sua capital Nínive (Sf 2,13-14). Lamentamos aqui o silêncio a respeito das mulheres, com quem os ancestrais de Sofonias estavam casados.

O profeta Sofonias não diz nada a respeito do tempo em que ele atuou como profeta. Se for verdade que ele exerceu sua missão profética entre os anos 630 e 625 aC, então pode-se supor que ele tenha nascido por volta do ano 650 aC. Será que ele não atuava mais como profeta ou talvez já tinha morrido quando o rei Josias enviou a delegação à profetisa Hulda para consultá-la se o 'livro da Lei', encontrado no templo no ano 622 aC, era legítimo e verdadeiro (2Rs 22,11-20)? Mas, por outro lado, é interessante que o rei Josias também não enviou a delegação para consultar o profeta Jeremias que neste tempo, com toda a certeza, atuava como profeta.

E, finalmente, podemos afirmar que o profeta Sofonias, com toda a certeza, fazia parte do movimento daqueles e daquelas que procuram a Iahweh e buscam a justiça e a pobreza (Sf 2,3b) e deles é porta voz²¹. E em vista disso, ele denuncia as graves injustiças das lideranças urbanas de Jerusalém em Sf 3,1-5. Estas se tornaram como o faraó do Egito que igualmente explorava e escravizava os israelitas. O êxodo de seus contemporâneos empobrecidos e excluídos ele anuncia quando, durante sua atuação, já entoa o canto fúnebre dirigido à elite urbana de Jerusalém: *Ai da rebelde, manchada e tirânica cidade ...*

1.4 Tempo e local de atuação

a) Em Sf 1,1 diz-se que o profeta Sofonias atuou no tempo do rei Josias (640-609 aC). No âmbito internacional, no Egito, há pouco, acabou a 25^a dinastia cuchita ou núbia ou etíope que dominou o Egito, durante quase um século, desde 750 até 664 aC. Ela teve fim quando os assírios invadiram a capital Tebas no ano de 664 aC (cf. Sf 2,12). O rei Ezequias (725-696 aC) teve relações diplomáticas, militares e comerciais com os cuchitas.

Na Mesopotâmia, a Assíria era a potência que dominava o mundo. Desde 733 aC, o Reino de Judá, no tempo do rei Acáz (734-726 aC), tornou-se um país dominado pelos assírios e obrigado a pagar pesados tributos a eles. Em 622 aC, no tempo do rei Josias, foi declarada a independência do Reino do Sul. Isto aconteceu porque, com a morte do rei assírio Assurbanipal (669-627 aC), em 627, a Assíria começou a entrar

21. SOARES, G.A. Sebastião. "Sofonias, filho do negro, Profeta dos pobres da terra", RIBLA 3, 1989, p. 21-25.

em decadência. Durante os cem anos de dominação assíria sobre a população israelita, esta foi fortemente influenciada pela economia, política, cultura e religião dos assírios, como nos atestam dois oráculos de Sofonias: *Estenderei minha mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém, aniquilarei deste lugar o resto de Baal, o nome dos sacerdotes dos ídolos, os que se prostram nos telhados diante do exército dos céus, os que se prostram diante de Iahweh, mas juram por Melcom. ... Acontecerá que, no dia do sacrifício de Iahweh, visitarei os príncipes, os filhos do rei e os que se vestem com roupas estrangeiras. Visitarei naquele dia todos os que saltam o Degrau, todos os que enchem a casa de seu senhor com violência e com fraude* (Sf 1,4s.8s). Contra a Assíria e Nínive, o profeta Sofonias tem mais um oráculo: *Ele estenderá a sua mão contra o Norte e destruirá a Assíria; fará de Nínive uma devastação, uma terra árida como o deserto. Em seu meio repousarão os rebanhos, animais de toda a espécie, até o pelicano, até o ouriço passarão a noite entre os seus capitéis, a coruja gritará na janela, e o corvo na soleira, porque o cedro foi arrancado* (Sf 2,13s). Nínive foi conquistada pelos babilônios em 612 aC.

A dominação da Assíria sobre o Reino de Judá, durante o reinado de Manassés (696-642 aC), era sentida em todas as camadas sociais e afetou não só a religião oficial, mas até a piedade popular. O redator deuteronomista avalia esse rei como o mais idólatra e assassino de todos (2Rs 21,1-18). As escavações arqueológicas deste período, no entanto, nos informam que neste tempo havia uma certa calma na política e uma relativa prosperidade econômica; o mesmo também testemunham alguns oráculos de Sofonias. Em Sf 1,10s.12s mencionam-se a ‘cidade nova’ e os ‘habitantes de Mactes’ que eram bairros da cidade de Jerusalém bem como fala-se da ‘riqueza, de casas e de vinhas’ que serão destruídas. Esses oráculos de juízo se concretizaram em 597 e 587 aC, quando os babilônios destruíram Jerusalém, seus muros, seu templo e suas casas, certamente em meio a ‘gritos, urros e grande ruído’ (Sf 1,10s).

Um marco muito importante para datar a atuação de Sofonias foi o encontro do Deuteronômio original no templo de Jerusalém. Ele, que já fora a base e a orientação da reforma religiosa e política no tempo do rei Ezequias, caiu no esquecimento durante o governo de Manassés e de seu filho Amon. Mas, no décimo oitavo ano do reinado de Josias (2Rs 22,3), isto é, em 622 aC, o Deuteronômio original foi encontrado e tornou-se a base e a orientação para a reforma religiosa, política e econômica liderada agora pelo rei Josias. Quando ele foi assumido por esse rei, pelas lideranças e pelo povo como a constituição do Reino de Judá, deu-se o grito de independência da dominação da Assíria. Porque o programa básico do Deuteronômio original era a opção única e exclusiva por Iahweh com a criação de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos, cujos eixos são a fraternidade/irmandade e a solidariedade, em nível litúrgico e socioeconômico.

Esse contexto histórico como pano de fundo para datar a atuação do profeta Sofonias leva os pesquisadores a três diferentes opiniões. Para H. Irsigler²², um grupo é do parecer de que Sofonias exercera seu ministério profético em torno do ano 615 aC.

22. IRSIGLER, H. Zefanja, p. 67s; ZENGER, E. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 519; BONORA, A. *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações. Sofrimento, protesto e esperança*, São Paulo: Paulinas, 1993, p. 99s.

Os biblistas desse grupo julgam que a reforma do rei Josias em 622 aC já estivesse obsoleta, por não ter sido levada a sério. Eles, além disso, atribuem Sf 1,4-6 ao redator deuteronomista. Um grupo maior de autores, no entanto, data a atuação de Sofonias durante o governo do rei Joaquim (609-598 aC). Eles argumentam que os oráculos contra as nações calhariam melhor neste tempo. O oráculo contra Moab e Amom (Sf 2,8-10) deve, para ele, já supor a dominação dos babilônios. Este pronunciamento deve ser relacionado com 2Rs 24,2, onde os babilônios incitaram também os moabitas e os amonitas a guerrear contra o Reino de Judá. A expressão ‘o resto de Baal’ em Sf 1,4 alude ao fracasso da reforma do rei Josias, pois esta visava erradicar toda a idolatria do território de Judá, mas no tempo do rei Joaquim pode-se ainda constatar um resto de idolatria. E Sf 1,2: *Iahweh não pode fazer nem o bem nem o mal* é interpretado por eles como decepção após o fracasso da reforma do rei Josias. Todos os argumentos desse grupo visam retardar, o máximo possível, a atuação de Sofonias e relacioná-la na época do domínio dos babilônios, já que a Assíria e Nínive deixaram de existir em 612 aC.

Há ainda um terceiro grupo de exegetas. Estes datam a realização da missão profética de Sofonias durante o reinado de Josias (640-609 aC), partindo da indicação em Sf 1,1. Josias foi coroado rei aos oito anos de idade (2Rs 22,1) e durante sua juventude aconteceu a atuação de Sofonias. O essencial de sua profecia foi proferido antes da reforma do rei Josias em 622 aC. Sofonias, portanto, deve ter nascido por volta do ano 650 aC e exercido seu ministério profético entre os anos 630 e 625 aC. Isto é, após a morte do rei assírio Assurbanipal em 627 aC e antes da reforma do rei Josias em 622 aC. H. Irsigler se inclui nesse grupo e para defender sua tese apresenta esses argumentos²³. Os oráculos, Sf 1,4s, supõem ainda no Reino de Judá um culto sincretista de origem aramaica e assíria bem como um estilo de vida assírio na corte de Jerusalém (Sf 1,8s). Entre os endereçados da profecia de Sofonias nunca é mencionado o rei, mas aqueles que governam de fato como os ‘príncipes, os filhos do rei’ (Sf 1,8; 3,3s). Isto alude aos tempos da mocidade de Josias. Além disso, o oráculo Sf 2,12 contra os cuchitas, descrevendo a destruição da dinastia cuchita em 664 aC por Assurbanipal, se relaciona com o oráculo, Sf 2,13s que, com a morte de Assurbanipal em 627 aC, anuncia o fim da Assíria e de Nínive e que acontecerá em 612 aC.

Além disso, o oráculo Sf 2,4s., que descreve a destruição das cidades filisteias, foi certamente proferido por Sofonias quando elas ainda eram dominadas pelos assírios, nos anos 625 aC²⁴. Elas depois serão temporariamente dominadas pelos faraós Psamético I (664-610 aC) e Neco II (609-595 aC). No entanto, serão conquistadas e destruídas por Nabucodonosor no ano 604 aC²⁵. Assim se concretizou a palavra de Deus, mediada por Sofonias, que não só Nínive seria destruída por Nabucodonosor (Sf 2,13s), mas também as cidades filisteias (Sf 2,4s). Isto parece ser confirmado por 2Rs 24,7: *O rei do Egito não saiu mais de sua terra, pois o rei da Babilônia havia conquistado, desde a Torrente do Egito até o rio Eufrates, tudo o que pertencia ao rei do Egito.*

23. IRSIGLER, H. *Zefanja*, p. 69; BALANCIN, E. M. / STORNILOLO, I. *Como ler O livro de Sofonias*, p. 8-10.

24. IRSIGLER, H. *Zefanja*, p. 227-230.

25. *Ibidem*, p. 228.

Em vista desses argumentos é óbvio que H. Irsigler²⁶ é contra a datação da atuação de Sofonias por volta do ano 615, pouco antes do fim da Assíria e de Nínive em 612 aC e, ainda mais tarde, durante o governo do rei Joaquim (609-598 aC), como afirmam dois grupos de exegetas. A expressão ‘o resto de Baal’ em Sf 1,4 não quer dizer, para ele, que a reforma de Josias tenha fracassado, pois há ainda um resto de culto a Baal em 615 ou durante o governo de Joaquim, mas significa que Iahweh quer destruir até todo e qualquer resto desse culto ao deus Baal. Além disso, o oráculo contra os moabitas e amonitas em Sf 2,8-10 calha, para ele, melhor no tempo do exílio e não é do profeta Sofonias, como atestam muito bem os textos exílicos em Ez 21,33 e 25,1-7. Também o oráculo Sf 1,12, que fala de um Deus passivo e indiferente, não é um reflexo devido à frustração da reforma de Josias, mas antes descreve a atitude arrogante e prepotente dos ricos em Jerusalém. E o oráculo Sf 1,8s, que supõe ainda a dominação assíria no Reino de Judá, seria pouco provável após a reforma de Josias em 622 aC. Assim H. Irsigler, rebatendo os argumentos dos dois grupos de biblistas referentes à datação da atuação de Sofonias por volta de 615 aC e mesmo mais tarde, reforça sua opinião e a de tantos outros exegetas de que Sofonias, de fato, tenha exercido sua missão profética entre os anos 630 e 625 aC.

b) Pelos relatos autênticos de Sofonias pode-se deduzir que ele conhecia bem a cidade de Jerusalém, isto é, seus bairros, seus montes, o mercado de peixes e o local onde se comercializa a prata (Sf 1,10s). Ele distingue muito bem os altos mandatários civis, militares e religiosos de Jerusalém e de Judá como os príncipes, os filhos do rei (Sf 1,8), os juízes, os profetas e os sacerdotes (Sf 3,3s). Ele está bem familiarizado com a prática religiosa dos habitantes de Jerusalém. Ao lado do intenso sincretismo religioso deles (Sf 1,4s), há os que procuram a Iahweh, sua justiça e pobreza (Sf 2,3b). Sofonias, no exercício de sua missão profética, se distancia dos profetas de Jerusalém que ele denuncia como *atrevidos e homens da traição* (Sf 3,4a). Estas ligações detalhadas de Sofonias com Jerusalém nos levam a concluir, com H. Irsigler²⁷, que ele é um jerusalemita, um profeta urbano e que esta cidade foi o palco de seus oráculos proféticos. Surpreende-nos, no entanto, que Sofonias, nos seus oráculos, nunca se dirige às mulheres e nem as menciona furtivamente.

2. Análise da perícopre Sf 3,1-5

2.1 Tradução

¹ *Ai da rebelde e manchada, da cidade tirana!* ² *Ela não atendeu ao chamado, nem aceitou a correção, nem confiou em Iahweh e nem se aproximou de seu Deus.* ³ *Seus príncipes, no meio dela, são leões que rugem; seus juízes são lobos da estepe que na manhã trituram ossos;* ⁴ *seus profetas são atrevidos, homens de traição; seus sacerdotes profanam o que é santo, violam a Lei.* ⁵ *Iahweh é justo no meio dela, ele não pra-*

26. Ibidem, p. 68s.

27. Ibidem, p. 89.

tica a iniquidade, cada manhã ele promulga seu direito, à aurora ele não falta, mas o iníquo não conhece a vergonha.

2.2 Observações sobre o texto hebraico

O texto hebraico de Sf 3,1-5 foi muito bem conservado. Mas, a tradução do v. 3b, conforme a Bíblia de Jerusalém e outras traduções, não dá muito sentido. Aliás, só a tradução ecumênica da Bíblia em alemão (Einheitsübersetzung), e H. Irsigler²⁸ traduzem o v. 3b de modo diferente. A expressão hebraica *ze'abey 'ereb* 'lobos da tarde' ou 'lobos do crepúsculo ou da noite' como imagem para descrever a ação dos juízes em Jerusalém não é evidente e transparente. Esta expressão aparece só ainda, em todo o Antigo Testamento, em Hab 1,8. Estas duas passagens descrevem lobos que, à tardinha, saem para caçar. Mas, não é característica especial dos lobos caçar suas presas apenas ao cair da tarde (Sl 59,7.15; 104,20-22). A passagem Gn 49,27 atesta que lobos caçam pela manhã: *Benjamim é um lobo voraz, de manhã devora uma presa, até à tarde reparte o despojo*. A expressão 'lobos da tarde' como imagem dos juízes de Jerusalém não é clara, evidente e transparente. E mais imprecisa é ainda a ação desses 'lobos da tarde' que, segundo a Bíblia de Jerusalém, *não guardam nada para a manhã*. O que se quer dizer dos juízes de Jerusalém ao compará-los com *lobos da tarde, que não guardam nada para a manhã*? Se, porventura, se quer destacar a ferocidade e a voracidade dos lobos e assim compará-los com os juízes de Jerusalém, então, devemos concentrar nossa atenção na ação dos lobos. O verbo hebraico *garam*, que só aparece em Sf 3,3c, tem, para H. Irsigler²⁹, o mesmo sentido como o verbo 'atzam em Jr 50,17 'roer, triturar, quebrar, esmagar ossos': *Israel era ovelha desgarrada, que os leões afugentaram. O primeiro que o devorou foi o rei da Assíria e aquele que, por último, lhe quebrou os ossos foi Nabucodonosor, rei da Babilônia* (cf. Nm 24,8).

Para destacar que o lobo é feroz e voraz não só ao cair da tarde, mas sempre, por isso H. Irsigler³⁰ sugere uma mudança apenas nas vogais do termo 'ereb, 'tarde, crepúsculo, noite' para 'arab, 'estepe'. Assim a expressão hebraica de Sf 3,3b 'lobo da tarde' deve ser traduzida por 'lobo da estepe'. Como em Jr 5,6: *Por isso o leão da floresta os fere, o lobo da estepe os dizima ...* Esta tradução corresponde melhor com a realidade, pois a ferocidade e a voracidade do lobo não só se manifestam ao cair da tarde, mas sempre. Os 'lobos da estepe' atacam e devoram suas presas, quebram e até roem os ossos de animais de porte grande.

H. Irsigler, além disso, muda a negação *lo'* em Sf 3,3c pela partícula modal *l(a')* com o objetivo de reforçar e enfatizar a frase. Ele, então, traduz a segunda parte de Sf 3,3 assim: *Seus juízes são lobos da estepe que, de manhã, trituram os ossos*. Os juízes de Jerusalém são, portanto, como 'lobos da estepe' que são ferozes e vorazes. Eles não só devoram a carne das pessoas nos tribunais de Jerusalém quando, pela manhã, eles

28. IRSIGLER, Hubert. *Zefanja*, HThKAT, Freiburg/Basel/Wien: Verlag Herder, 2002, p. 319-320.

29. Ibidem, p. 319.

30. Ibidem, p. 320.

aparecem para atuar como juizes, mas até trituram, quebram e roem os ossos delas. Assim o profeta Sofonias denuncia a ganância insaciável dos juizes. Eles, deste modo, agem frontalmente opostos a Iahweh que *cada manhã promulga seu direito* (Sf 3,5). Ao passo que os juizes, durante a noite inteira, alimentam planos assassinos para, ao amanhecer, quando chegam aos tribunais para iniciar suas atividades, os executam, triturando até os ossos daqueles e daquelas que buscam o direito e a justiça. Ao agirem assim, eles são muito semelhantes aos príncipes, aos profetas e sacerdotes, isto é, às elites urbanas de Jerusalém.

2.3 Comentários sobre Sf 3,1-5

V. 1: O oráculo de Sofonias inicia com a exclamação hebraica *hôy*, ‘ai de’. Aliás, o profeta já emprega a mesma exclamação em Sf 2,5. Esta interjeição, no entanto, só se encontra, segundo H. Irsigler³¹, na literatura profética³², com uma exceção em 1Rs 13,30: *Depositou o cadáver no seu próprio túmulo e pranteou-o dizendo: “Ai, meu irmão!”* Tanto nesta passagem como nas demais, a interjeição é um lamento fúnebre de dor a respeito de um morto. Se, no entanto, a pessoa ou o grupo de pessoas ainda está com vida, então, o profeta já lhes anuncia o que em breve vai acontecer. A expressão ‘ai de ...’ é um prenúncio do que está por acontecer. O profeta já está tão convicto de que a morte ou a destruição vai acontecer, por isso ele já entoa a lamentação fúnebre de dor sobre o morto, ainda vivo, ou convida a ensaiá-la. Para Sofonias, por conseguinte, as lideranças urbanas de Jerusalém vão muito em breve desaparecer. Quais são as causas para tão sério anúncio às elites de Jerusalém que ainda estão muito vivas e ativas, completando assim a dose do cálice de suas iniquidades?

O profeta Sofonias compara a capital Jerusalém com uma mulher, a qual ele acusa de ‘rebelde’. O termo hebraico *mor’ah* que aparece aqui em Sf 3,1 é também empregado em Os 14,1; Jr 4,17; 5,23; Lm 1,20; 3,42. Para H. Irsigler³³ a ‘rebeldia’ das lideranças de Jerusalém se dirige diretamente contra Iahweh ou contra a sua palavra e sua orientação, mediada pelo profeta (Is 1,20; Ez 20,8; Lm 1,18). No contexto de Sf 3,1.3-4 a rebeldia das lideranças urbanas de Jerusalém se dirige especialmente contra a ordem justa e o direito de Iahweh que protege e defende os socialmente fracos na capital.

A outra característica negativa da capital Jerusalém é o fato de ela estar ‘manchada’, isto é, de sangue inocente derramado pelas lideranças tiranas, violentas e opressoras. Um profeta anônimo as descreveu num outro tempo deste modo: *Vossas mãos estão manchadas de sangue e vossos dedos, de iniquidade; e vossos lábios falam mentira e vossa língua profere maldade* (Is 59,3; cf. Lm 4,14). Em vista disso, a terceira característica negativa das lideranças de Jerusalém é sua ‘tirania’, seu despotismo e

31. Ibidem, p. 236-237.

32. Diante de participios substantivados, 23x: Is 5,8.11.18.20; 10,1; 29,15; 31,1; 45,9-10; Jr 22,13; 23,1; Ez 34,2; Am 5,18; Mq 2,1; Hab 2,6.9.12.15.19; Sf 2,5; 3,1; Zc 11,17. Diante de substantivos, 14x: 1Rs 13,30; Is 1,4; 5,22; 17,12; 18,1; 28,1; 30,1; Jr 22,18 (4x); 34,5; 47,6; Na 3,1. Diante de nomes próprios, 3x: Is 10,5; 29,1; Jr 48,1. Diante de adjetivos substantivados, 2x: Is 5,21; Am 6,1. Diante de posições, 4x: Jr 48,1; 50,27; Ez 13,3.18.

33. IRSIGLER, H. *Zefanja*, p. 327.

opressão. Isto é, os grupos fracos, dependentes e pobres de Jerusalém são explorados, oprimidos e tiranizados pelas elites da capital. Estas não só lhes sugam o sangue, mas devoram a sua carne e até trituram seus ossos.

V. 2: O v. 2 é, para H. Irsigler³⁴, uma adição posterior, cujo redator pertence ao movimento deuteronomista. Ele, no entanto, reconhece que há exegetas que consideram Sf 3,2 um texto sofoniano. Pois o v. 2 calha muito bem neste contexto. Ele explica e concretiza a rebeldia, a tirania e o despotismo das lideranças de Jerusalém. A causa destas atitudes negativas das elites da capital decorreria de quatro ‘nãos’ rebeldes e revoltosos: *Ela não atendeu ao chamado, nem aceitou a correção, nem confiou em Iahweh e nem se aproximou de seu Deus*. E, além disso, a proximidade entre os temas da ‘rebeldia’ e do ‘não ouvir a voz’, está muito bem documentada (Ex 23,21; Dt 1,43; 9,23; 1Sm 12,14.15; Js 1,18; Is 1,19-20; Ez 20,8). Mesmo assim, para H. Irsigler, há alguns indícios que definem o v. 2 como acréscimo posterior e originado pelo redator deuteronomista. Quais são eles?

Um deles encontra-se no fato de que o v. 1 e os v. 3-4 se correspondem muito bem e não necessitariam do v. 2. Pois a rebeldia contra Deus é explicitada no v. 1 como tirania, despotismo e opressão das elites de Jerusalém na violência, na prática da injustiça e no desrespeito do direito para com os economicamente fracos e legalmente dependentes na capital. Ao passo que a rebeldia e a opressão das lideranças jersalemitas recebem no v. 2 uma justificativa diferente. Segundo o v. 2 elas agem assim, não tanto como atores sociais desumanos e cruéis, mas porque não seguem a Iahweh e o seu decálogo. Portanto, a causa da rebeldia, violência e tirania dos líderes da capital está fundamentada numa atitude teológica, isto é, no rompimento com Deus ao não atender a seu chamado, ao não aceitar a sua correção, ao não confiar em Iahweh e ao não se aproximar dele.

Um outro indício de redação posterior do v. 2 são as fórmulas ‘não escutar a voz de Deus’ e ‘não aceitar a correção’ como em Jr 7,28: *Tu lhe dirás: Esta é a nação que não escutou a voz de Iahweh seu Deus, e não aceitou o ensinamento*. Elas ainda aparecem em Dt 4,30; 8,20; 9,23; 13,19; 15,5; 26,14.17; 27,10; 28,1.15.45.62; 30,2.8.10.20 e Jr 2,30; 3,13.25; 5,3; 7,23.28; 6,12; 11,4.7.17.23; 32,39; 35,13. Estas passagens todas, para H. Irsigler³⁵, têm características do redator deuteronomista e são releitura deuteronomista, adicionada posteriormente aos livros dos profetas Sofonias e Jeremias.

E, além disso, a fórmula ‘confiar em Iahweh’ como condição de bênção, vida e salvação é frequentemente usada nos Sl 9,11; 21,8; 22,5.6; 26,1; 32,10; 78,7.8.32 bem como a fórmula ‘aproximar-se de Deus’, especialmente na liturgia em Ex 16,9; Lv 16,1; Ez 40,46; 44,15; Sl 73,28; Is 58,2 revelam origem tardia. Estes são os indícios que H. Irsigler percebe em Sf 3,2 e que o levam a atribuir esta passagem ao redator deuteronomista e a uma data posterior ao profeta Sofonias.

34. Ibidem, p. 322-323.

35. Ibidem, p. 323.

V. 3-4: Os v. 3-4 explicitam e concretizam a rebeldia, o derramamento de sangue e a tirania de Jerusalém, cujas iniquidades já foram aludidas no v. 1. A capital é assim por causa de representantes de dois grupos da sociedade civil, os príncipes e os juízes, e por causa de líderes de dois grupos da sociedade religiosa, os profetas e os sacerdotes. Como autoridades do poder civil, o profeta Sofonias menciona, em primeiro lugar os ‘príncipes’, em hebraico os *sarym*. Eles pertencem à realeza davídica. Na corte real eles desempenham funções administrativas. Esses príncipes são os mesmos já citados em Sf 1,8-9. Eles, na administração da capital Jerusalém e do Reino de Judá, devem ser pessoas revestidas do mais alto poder e da mais ampla influência em todos os setores da sociedade civil. Eles, em seu abuso de poder e de influência, em sua insaciável cobiça por enriquecimento e em sua inescrupulosa exploração das pessoas, se rebaixam a animais. Sofonias os compara com leões que rugem. Eles, além de caírem sobre suas vítimas de modo feroz e voraz, rugem. O rugido dos leões, segundo H. Irsigler³⁶, tem o sentido de manter presas sob suas patas as vítimas e afugentar possíveis concorrentes (Am 3,4; Jr 2,14-15). O profeta Isaías descreve assim os príncipes: *Teus príncipes são rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, a causa da viúva não os atinge* (Is 1,23).

O profeta Sofonias denuncia e declara o fim da rebeldia, violência e tirania de líderes de um outro grupo da sociedade civil que são os juízes. No item acima, ‘observações sobre o texto hebraico’ nós temos levemente mudado o texto hebraico, traduzindo a expressão ‘lobos da tarde’ por ‘lobos da estepe’. Assim os juízes de Jerusalém também se rebaixam a bichos e assumem, no desempenho de suas funções de juiz, atitudes animais e selvagens. Eles, segundo H. Irsigler³⁷, não só são lobos ferozes e vorazes ao cair da tarde, mas, como ‘lobos da estepe’, são o tempo todo insaciáveis em sua caça às vítimas, sua agilidade e seu bote certo não deixam escapar nenhuma presa. O profeta Ezequiel os descreve muito bem: *Os chefes, no meio dela, são como lobos que despedaçam a presa, derramando sangue e destruindo vidas, a fim de obterem lucro* (Ez 22,27; Jr 5,6; Gn 49,27). Os juízes, após projetos de caça às vítimas durante a noite, de manhã, quando aparecem em suas repartições públicas para atuar como juiz, não só sugam o sangue e devoram a carne de suas vítimas, mas até lhes quebram os ossos, triturando-os (Mq 3,1-3).

No v. 4 o profeta Sofonias denuncia autoridades de dois grupos da sociedade religiosa do povo de Israel: os profetas e os sacerdotes. O profeta Sofonias relaciona estes dois grupos porque eles, conforme H. Irsigler³⁸, certamente desempenham suas funções no mesmo espaço sagrado que é o templo de Jerusalém (Jr 2,8.26; 4,6; 6,13; 8,1.10; 13,13; 14,18; 23,11.34). Os profetas que ele aqui denuncia são profetas que atuam, sobretudo, no templo de Jerusalém. Estes, no entanto, segundo o nosso autor, não são funcionários do templo, pois eles são remunerados pelas pessoas que os procuram, para obter deles uma palavra de orientação de Iahweh ou para rezar em suas in-

36. Ibidem, p. 330.

37. Ibidem, p. 331.

38. Ibidem, p. 332.

tenções. Assim esses profetas do templo deviam agir. Mas, fazem o contrário. Eles são atrevidos, arrogantes e prepotentes e são homens de traição. Eles são enganadores do povo, pois passam aos que os procuram, em vez de uma palavra e uma orientação de Iahweh, oráculos mentirosos. Eles são também ladrões e traidores, pois são pagos por um oráculo de Iahweh, quando, de fato, a palavra deles é vazia e oca. Além disso, H. Irsigler³⁹ julga poder deduzir de Mq 3,5.11 e de Jr 6,13-14; 8,10 que os profetas do templo só visam lucro e fazem depender do montante de dinheiro seus oráculos divinos. É essa perversão dos profetas do templo de Jerusalém que Sofonias denuncia tão radicalmente.

A profetisa Hulda, no entanto, parece ser diferente desses profetas do templo. Primeiramente dela nada se diz que tenha atuado no templo, mas apenas que residia em Jerusalém, na cidade nova (2Rs 22,11-20 // 2Cr 34,21-28). Ela, em segundo lugar, devia gozar de muito prestígio e respeito, por isso o rei Josias lhe enviou uma delegação para que ela analisasse o livro da Lei, encontrado no templo, e o avaliasse a respeito de sua autenticidade. Após acurada investigação, ela profere o oráculo divino. Aliás, este é o único oráculo divino oficial proclamado por uma mulher na Bíblia. Ela é, portanto, uma verdadeira profetisa de Iahweh. E para ressaltar ainda mais a importância e a influência de Hulda, como profetisa de Iahweh, cabe aqui lembrar que o rei Josias não enviou sua delegação para consultar Iahweh aos profetas Sofonias e Jeremias, mas à profetisa Hulda. Seu oráculo foi levado muito a sério.

O profeta Sofonias denuncia igualmente a atitude pervertida e abusiva dos sacerdotes de Jerusalém. Estes deviam ser dignos ministros e dispensadores dos desígnios de Deus, mas são, para o profeta, profanadores das coisas santas e sagradas e violadores da Lei de Deus. H. Irsigler⁴⁰ elenca os deveres dos sacerdotes. A ele cabia, sobretudo, a formação e a orientação do povo como teólogos e catequistas: *Porque os lábios do sacerdote guardam o conhecimento, e de sua boca procura-se ensinamento: pois ele é o mensageiro de Iahweh dos Exércitos* (Ml 2,7; Jr 18,18). Em Os 4,4-9 é missão do sacerdote a instrução e a formação do povo a respeito das coisas de Deus, da sua vontade e de seus projetos de salvação (Os 6,6). Um outro aspecto do dever do sacerdote é a instrução a respeito da relação entre vida diária e culto a Iahweh. O povo de Israel deve ser formado a respeito das condições éticas para poder entrar no santuário e participar do culto a Iahweh (Sl 15; 24; Is 33,13-16). Cabe igualmente à missão do sacerdote o ensinamento sobre a diferença entre as coisas puras e profanas, o que já foi consagrado a Deus e os objetos sagrados usados nos cultos (Lv 10,10; 19,8; 22,15; Ex 31,14; Nm 18,32; Ez 20,13). O sacerdote deve também zelar pela pureza do culto a Iahweh sem influências idolátricas (Ag 2,11-14). Pelo que se pode perceber o ofício do sacerdote é uma missão de serviço ao povo de Israel. Mas, o que o profeta Sofonias percebe e denuncia é a perversão e o abuso da sua missão, desempenhando-a em seu próprio benefício, para seu prestígio próprio e enriquecimento particular. Em vista disso, eles profanam o que é santo e violam a Lei de Deus.

39. Ibidem, p. 332.

40. Ibidem, p. 331-334.

Portanto, tanto os sacerdotes como os profetas da sociedade religiosa do povo de Israel bem como os juizes e os príncipes da sociedade civil são muito semelhantes em seu agir: Todos eles perverteram sua missão de serviço aos outros em seu próprio benefício, todos eles se corromperam, todos eles praticaram a violência, o derramamento de sangue inocente, a opressão e a tirania. Sobre todos eles o profeta Sofonias já entoava o cântico fúnebre de dor e de morte: *Ai da rebelde e manchada, da cidade tirana*. Isto alude historicamente ao ano de 586 aC quando, sobretudo, as elites de Jerusalém são mortas ou levadas para o exílio babilônico.

V. 5: O contraste de conteúdo do v. 5, proclamando a ação justa e livre de toda iniquidade de Iahweh bem como a promulgação diária do seu direito e da sua fidelidade, não podia ser maior em relação ao conteúdo dos v. 1-4. E tudo isto dentro da mesma cidade, a capital Jerusalém, e diante da mesma população. O agir urbano de Iahweh e dos príncipes e juizes bem como dos profetas e sacerdotes é frontalmente oposto. E em hipótese nenhuma se pode afirmar que essas lideranças não conhecessem Iahweh, como o Deus do êxodo e o Libertador dos oprimidos. É quase impossível de imaginar como lideranças israelitas pudessem assumir atitudes semelhantes às do faraó do Egito. É muito difícil de compreender como lideranças são capazes de explorar tanto pessoas da mesma nação. Neste contexto é importante ressaltar que nem em Sf 3,1-5 e nem em Sf 1,8-9 Sofonias menciona o rei que é Josias nos anos de sua menoridade.

O v. 5 é, para H. Irsigler⁴¹, uma adição posterior do tempo do exílio ou por volta do ano 500 aC. Ele, com formulação doxológica, quer contrapor Iahweh às elites de Jerusalém para destacar que a ação violenta, opressora, tirânica e corrupta delas é culpa única e exclusiva delas, pois o agir de Iahweh em Jerusalém é justo, sem iniquidade e fiel. A profissão de fé na ‘justiça’ de Iahweh relaciona o v. 5a especialmente com textos exílicos ou pós-exílicos, também com formulação doxológica como em Dt 32,4: *Iahweh é a Rocha, e sua obra é perfeita, pois toda a sua conduta é o Direito. É Deus verdadeiro e sem injustiça, ele é a Justiça e Retidão* (cf. Lm 1,18; Esd 9,15; Ne 9,8.33; Dn 9,14; Sl 11,7; 119,137; 129,4; 145,17).

Na mesma época deve ter surgido, segundo o nosso autor, também a expressão *Iahweh não pratica iniquidade* (Sl 37,1; 119,3; Jó 36,23). A profissão doxológica de fé em Iahweh, como o Deus justo e sem iniquidade, está fortemente presente em textos posteriores que falam dos ‘pobres de Iahweh’ como em Sf 3,9-20. Em vista disso, H. Irsigler considera que o texto primário, Sf 3,1.3-4, se originou ainda antes da reforma de Josias e os acréscimos, Sf 3,2.5, certamente surgiram na época exílica ou pós-exílica, pelos anos 500 aC.

H. Irsigler⁴² percebe também em Sf 3,1-5 um prolongamento literário e histórico coerente com a perícopes anterior, Sf 2,4-15, os oráculos contra as nações. Nestas o redator final destaca especialmente a ação de Iahweh contra Nínive, a capital da Assíria. A ação de Iahweh contra Jerusalém, a capital do Reino do Sul, é ainda mais forte, pois o profeta

41. Ibidem, p. 324.337-339.

42. Ibidem, p. 337.

Sofonias já entoava uma lamentação fúnebre contra ela, antecipando o extermínio das elites jersalemitas. Esta relação e sequência literária entre Sf 2,4-15 e Sf 3,1-5 podem também ser confirmadas historicamente. Pois, enquanto Nínive vai ser destruída em 612 aC, a catástrofe sobre Jerusalém virá um pouco mais tarde, no ano de 586 aC.

Conclusão

O estudo e a análise da perícopa Sf 3,1-5 e a descrição da personalidade do profeta Sofonias bem como o destaque da sua origem familiar, étnica, religiosa e cultural no contexto histórico da segunda metade do século VII aC revelaram a importância e a atualidade de sua profecia para os nossos dias.

A importância dos oráculos de Sofonias transparece principalmente na capacidade de indignação do profeta diante das graves injustiças, violências, explorações e opressões praticadas, sobretudo pela elite urbana da capital Jerusalém, contra israelitas empobrecidos e legalmente fracos. As denúncias de Sofonias, dirigidas às lideranças de Jerusalém, não contêm nenhuma esperança de conversão e de mudança de vida. Para elas, ele já entoava um cântico fúnebre de dor, de morte e de destruição que acontecerá, de fato, nos anos de 597 e 586 aC. Os oráculos de denúncia revelam o conhecimento exato do profeta a respeito dos atores de iniquidade, que são, sobretudo, os príncipes, juizes, profetas e sacerdotes e demonstram sua coragem profética.

A importância da profecia sofônica manifesta-se, em segundo lugar, na imagem de Deus que Sofonias tinha. Sua fé, mística e espiritualidade só podiam estar centradas em Iahweh, o Deus Libertador da escravidão egípcia. Isto ele certamente herdou de seus antepassados com nomes javistas e de seu pai Cusi, de origem cuchita. A vivência e a defesa do projeto de Iahweh por Sofonias e por tantos discípulos e discípulas do seu tempo o fizeram porta-voz do movimento profético de libertação dos ‘pobres de Iahweh’. Faz muito bem tomar conhecimento do fato de que pessoas, já na segunda parte do século VII aC, acalentaram o mesmo sonho e a mesma utopia de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos que nós hoje também vivamente alimentamos.

A atualidade da profecia de Sofonias e de seu movimento profético de libertação salta aos olhos. Seus oráculos e suas atitudes são estímulo, provocação e desafio para nós hoje. Como ele e seu movimento profético reagiram, com coragem e determinação, contra os crimes praticados por grupos urbanos bem específicos, assim também nós não podemos nos omitir, mas movidos pela mesma fé em Iahweh, o Deus Libertador e do êxodo e impulsionados pela espiritualidade e mística libertadora também nós devemos nos posicionar, com coragem profética, diante das violências, injustiças e opressões praticadas nos nossos dias.

A denúncia da perversão criminosa respectiva de príncipes, juizes, profetas e sacerdotes indica que Sofonias conhece muito bem as responsabilidades específicas de cada grupo na administração política, econômica, jurídica e religiosa em Jerusalém. Isto faz supor que ele atua profeticamente, sobretudo, na capital do Reino de Judá. Mesmo que ele não tenha nascido e se criado nesta cidade, o palco de sua profecia é principalmente a capital dos israelitas. Ele é, portanto, um profeta urbano que denun-

cia as elites urbanas. O oráculo, Sf 1,10s., revela igualmente um conhecimento detalhado da cidade de Jerusalém. Ele conhece o mercado na ‘porta dos Peixes, ele menciona um bairro nobre da capital, o ‘Mactes’ (1Rs 9,15), e faz referência ao setor comercial onde os negociantes ‘pesam a prata’.

Referências bibliográficas

BACHMANN, Garcia Mercedes. “O ‘Resto’ em Sofonias: Os que unem o cultural com o ético”. *RIBLA* 35/36, 2000, p. 224-230.

BALANCIN, Euclides M. / STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Sofonias. A esperança vem dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1991.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BONORA, Antonio. Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações. Sofrimento, protesto e esperança. São Paulo: Paulinas, 1993.

GORGULHO, Gilberto. “Sofonias e o valor histórico dos pobres”. *RIBLA* 3, 1989, p. 26-35.

IRSIGLER, Hubert. “Zefanja, Zefanjabuch. I. Altes Testament”, *LThK* X. Freiburg/Basel/Rom/Wien: Verlag Herder, 2001, p. 1392-1394.

IRSIGLER, Hubert. *Zefanja*. HThKAT, Freiburg/Basel/Wien: Verlag Herder, 2002.

LOHFINK, Norbert. “Zefanja und das Israel der Armen”. *BiKi* 39, 1984, pp. 100-108.

SCHWANTES, Milton. “Jhwh hat Schutz gewährt”. Theologische Anmerkungen zum Buch des Propheten Zefanja, In: W. Dietrich / Idem (Org.), *Der Tag wird kommen. Ein interkontextuelles Gespräch über das Buch des Propheten Zefanja*, SBS 170, Stuttgart: 1996, p. 134-153.

SOARES, A.G. Sebastião. “Sofonias, filho do negro, Profeta dos pobres da terra”. *RIBLA* 3, 1989, p. 21-25.

ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

Pedro Kramer
pedrokramer@estef.edu.br